

SIMPÓSIO AT036

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO ROMANCE “A DANÇA DOS CABELOS”, DE CARLOS HERCULANO LOPES

RICHARTZ, Terezinha

Universidade Vale do Rio Verde (UninCor)

e-mail: terezinha@unincor.edu.br

Resumo: A temática da violência passa a ter maior visibilidade na literatura contemporânea. Dessa forma, a violência de gênero também é contemplada nos enredos, através de tramas que enfatizam relacionamentos amorosos opressivos e violentos. Nas relações familiares, a influência do sistema patriarcal é nítida, uma vez que a dominação dos homens sobre as mulheres é aceita socialmente como “normal” e a inferiorização da mulher, especialmente da esposa é justificada. Através dos sistemas simbólicos, solidificados socialmente pelo sistema patriarcal e de gênero, as mulheres acolhem a ordem social que as expõe a violências domésticas cotidianas, considerando-as naturais, bem como a submissão aos ditames do marido. Bourdieu (2002) afirma que a violência simbólica se institui pela adesão que o dominado concede ao dominante. Assim, torna-se muito mais difícil que a violência seja enfrentada, porque é tacitamente aceita. O objetivo desta comunicação é discutir a violência doméstica sofrida pelas personagens femininas no romance “A dança dos cabelos”, de Carlos Herculano Lopes, dando atenção especial aos relacionamentos opressivos vivenciados por essas personagens. O enredo aponta para relacionamentos pautados pela violência física, moral e psicológica, nos quais a mulher, de maneira geral, não tem seus direitos e desejos respeitados, além de, obrigatoriamente, servir às vontades impostas pelo marido.

Palavras-chave: literatura; A dança dos cabelos; Carlos Herculano Lopes; violência de gênero; patriarcado.

Abstract: The theme of violence becomes more visible in contemporary literature. In this way, gender violence is also contemplated in plots, through plots that emphasize oppressive and violent love relationships. In family relations, the influence of the patriarchal system is clear, since the domination of men over women is socially accepted as "normal" and the inferiorization of women, especially of the wife, is justified. Through symbolic systems, socially solidified by the patriarchal system and gender, women welcome the social order that exposes them to everyday domestic violence, considering them natural, as well as submission to the husband's dictates. Bourdieu (2002) affirms that the symbolic violence is established by the adherence that dominated grants to the dominant. Thus, it becomes much more difficult for violence to be faced, because it is tacitly accepted. The purpose of this communication is to discuss the domestic violence suffered by the female characters in Carlos Herculano Lopes' novel "The Dance of the Hair", giving special attention to the oppressive relationships experienced by these characters. The plot points to relationships based

on physical, moral and psychological violence, in which women, in general, do not have their rights and desires respected, besides obligatorily serving the wills imposed by the husband.

Keywords: literature; The hair dance; Carlos Herculano Lopes; gender violence; patriarchy.

Introdução

No romance “A dança dos cabelos”, a violência doméstica se faz presente em toda a história. Embora, a literatura não seja o reflexo da realidade, consegue representar, de alguma forma, determinados acontecimentos do cotidiano de muitas mulheres e, a partir deste contexto, será apresentada neste artigo, a experiência das personagens, especialmente da avó e da mãe. Assim, analisa-se a maneira pela qual o sistema patriarcal contribui para que suas personagens se tornem reféns em relacionamentos violentos e opressivos nos seus casamentos, já que, em muitos destes, a vontade feminina é a que menos interessa.

1 O patriarcado como sistema opressivo é fator determinante nos casamentos

Para entender o porquê de muitas mulheres serem violentadas nas relações conjugais e ficarem caladas, é preciso compreender o sistema patriarcal.

Para Saffioti (2004), o patriarcado apresenta relações hierarquizadas entre os seres socialmente desiguais e, por isso, está no coração da engrenagem de dominação e exploração das mulheres pelos homens. Para tanto, o patriarcado apresenta relações muito mais fixas e de difícil resolução, levando-se em consideração que a mulher se encontra numa posição de subordinação e deve prestar obediência ao marido.

Para Bourdieu, a submissão “natural” das mulheres faz parte da violência simbólica.

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes [...] resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto. (BOURDIEU, 2002, p. 47).

Assim, a naturalização do poder do homem dispensa justificativa, pois a própria sociedade legitima essa dominação estabelecendo a divisão de trabalho entre os sexos. Ao homem fica reservado o trabalho e locais públicos; e, para a mulher, trabalhos realizados em sua casa. (BOURDIEU, 2002, p.18)

O sistema patriarcal aparece com nitidez na divisão dos espaços público e privado. Ao homem compete se preocupar com o trabalho e em decorrência, o sustento da família. Nesta divisão, a casa recebe contornos especiais, apesar de ser obrigação da mulher gerenciá-la, quem manda e determina as regras que devem ser obedecidas são os homens.

Segundo Damatta (1997, p.15) a “casa” pode ter definições diferentes, não como “espaços geográficos, ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados [...]”

Em síntese, ocorrências ideológicas disseminadas pelo patriarcado e institucionalizadas pela cultura, fazem com que a esposa seja submissa ao marido. É assim que se materializa a violência simbólica. Vamos então à análise.

2.1 Isaura (Avó): do estupro à prisão domiciliar

O relacionamento da avó com Antônio, origina-se de um ato de extrema crueldade. Depois de matar todos os homens da família para ficar com a terra,

Antônio solicita aos jagunços para deixarem com ele a Isaura (avó – adolescente na ocasião citada) “Mas a moreninha, podem deixar comigo, pois dela eu tomo conta.” (LOPES, 1993, p. 42).

Logo, a violência patrimonial, física e psicológica que pautaria a vida da personagem começa a tomar contornos naquele momento. Como a adolescente se recusa a beijar a mão de Antônio, é espancada com crueldade, estuprada e levada à força para ser sua esposa.

“Ela teve que se dobrar de joelho, implorar por sua vida e entregar-se àquele homem que, atrás de umas pedras, deixaria em seu ventre de adolescente o primeiro dos catorze filhos” (LOPES, 1993, p. 31). A violência sofrida escapa da compreensão, pelo fato de a jovem ter de conviver com o agressor que é, ao mesmo tempo, pai de seus filhos. Depois de estuprada, a adolescente sofre agressões dentro do quarto, quando chega à casa de Antônio como propriedade como suas terras, para ele, o são:

E bateu em mim com violência. Os pontapés e chicotadas abriram lanhos em minhas carnes, contraindo em vômitos o meu ventre. Até que os joelhos, devagar, foram se dobrando e repetidas vezes o chamei de senhor: beijei as suas mãos e a sua boca e implorei pela minha vida, que a partir daquele dia, e nos dez anos que se seguiram – até que pude andar pela casa – passaria a lhe pertencer. E trancada dentro de um quarto, dia e noite vigiada por seus homens, a comida me era entregue por um buraco. As necessidades, eu as fazia em um urinol que no outro dia era recolhido com as peneiras – que eu tinha obrigação de trançar. (LOPES, 1993, p. 32).

As cenas de violência perpassam todo o relacionamento do casal. Além de ficar presa dentro do quarto, era estuprada rotineiramente, ao passo que o marido exerce o direito legal de ter relação sexual.

E sem dizer uma só palavra, assim como estava vestido – e às vezes sem tirar as esporas – ele a obrigava a dizer, eu te amo. Eu quero o seu amor. Enquanto, como um louco, se atirava sobre aquela mulher que não tinha outra alternativa a não ser fechar os olhos e cumprir a sua vontade. (LOPES, 1993, p. 33)

Conforme afirma Saffioti (1987), o direito do marido ao uso sexual da mulher é garantido pelo dever conjugal presente na ideologia que legitima o poder do macho. No dever conjugal está presente a obrigação de a mulher prestar serviços sexuais ao companheiro quando e da forma que ele quiser.

Bourdieu (2002) completa que, fazer sexo em si é concebido pelos homens como uma forma de dominação, de apropriação, de “posse”; assim é Isaura (avó) para o agressor.

2.2 Isaura (mãe): desdenhada e humilhada pelo marido

Tal qual Isaura (avó), Isaura (mãe) é igualmente vítima de violência física, moral e psicológica. Também casada com um jovem de nome Antônio, a recorrente violência conjugal se inicia após o casamento, como apresentada em alguns episódios a seguir.

Por estar indisposta devido à gravidez, Isaura (mãe) sofre violência psicológica quando opta por não acompanhar o marido à uma festa em que seria comemorada a candidatura do mesmo.

Mas Antônio estava feliz quando me disse que finalmente havia sido indicado, sem precisar ir à convenção. E por estar tão alegre, e já confiante na vitória, queria que eu também compartilhasse, e fosse com ele e alguns amigos, jantar na churrascaria. [...]. Mas confesso que não estava disposta: havia enjoado, sentia a boca amarga e uma leve dor de estômago. Tentei ainda, como pude, fazê-lo entender os cuidados que eu precisava tomar. E o medo que sentia de que viesse, por imprudência, acontecer alguma coisa. Mas ele não me ouviu: mandou que eu calasse a boca. (LOPES, 1993, p. 50-51).

Antônio se mostra violento com a recusa de sua esposa em acompanhá-lo à uma churrascaria para um encontro com os membros do partido, uma vez que o diferencial competitivo em campanhas políticas, dá-se com candidatos que apresentem suas famílias estruturadas, cabendo à esposa acompanhar seu marido em eventos públicos.

Mesmo já sentindo contrações da gestação, Isaura (mãe) se esforça na administração da cozinha e de sua obrigação como esposa, para que tudo saia

a contento de seu marido e sua candidatura seja um sucesso. Evidenciando que, o patriarcado estabelece o que pode ser feito, quando e como deve ser feito. Dessa forma, os espaços da casa são fortemente gendrados. Como responsável pelo andamento da casa, cabe à mulher cuidar para que as refeições estejam de acordo com o marido, ainda que esteja grávida com ameaça de abortamento. (RICHARTZ, 2019).

E cenas como estas, a princípio dentro de casa, mas mais tarde à medida que a campanha se acirrava – viriam a ocorrer, com uma frequência tão absurda que, quatro meses após a sua indicação, e dois dias depois de um chute que levei, em mais uma tentativa de fazê-lo desistir da disputa – enquanto ainda estava a tempo – depois de haver passado o dia limpando frangos e leitões e dando ordens para que tudo corresse dentro do previsto e nada faltasse ao comício que seria realizado em frente ao curral antigo, com a presença de Cristiano Machado e de todos os deputados e líderes regionais, eu comecei a sentir, a princípio, uma branda contração, para a qual não dei importância, tendo apenas comentado com Lia que me disse: vá descansar um pouco. (LOPES, 1993, p.51).

O romance discorre e encontramos várias passagens em que Antônio, ao invés de respeitar a necessidade de repouso de sua esposa pela gravidade de seu estado gestacional, segue ordenando-lhe a cuidar do jantar para as visitas.

E Antônio, que desde a manhã eu não via, mandou um menino me chamar. E, bastante agitado, passou a mão em minha cabeça, esboçou um sorriso, disse que haviam chegado uns compadres seus, e que fosse providenciada a comida. Enquanto ele tomava um banho, e eu – ao servir pela quarta vez a mesma mesa – deixava escapar um grito, após levar as mãos à barriga e pasmear os que estavam na sala ao dizer procurando o encosto de uma cadeira: me ajudem, por favor, pois eu não posso perder o meu filho! (LOPES, 1993, p.52).

Diante de tanta pressão e desrespeito por parte de seu marido, infelizmente, a personagem sofre um aborto espontâneo e perde o filho que tanto aguardava. Após tal ocorrência, ainda é obrigada, pelo marido, a cortar lenha de madrugada para o preparo do café matinal, assim que ele vence as eleições, conforme trecho a seguir:

E enquanto os meus olhos marejavam e eu continha o choro e pedia forças á minha mãe, já montado em um cavalo, e sem se despedir de mim, ele foi comemorar com os companheiros aquele seu dia de glória, só chegando de madrugada, logo após a saída dos cães, que voltaram a circular a nossa casa. E aos gritos e alheio ao frio e ao mal-estar que eu sentia obrigou-me a sair, de camisola, para rachar lenha, pois ele queria tomar café. (LOPES, 1993, p. 51).

Com a perda do filho e, passado o período eleitoral, a violência ganha novos contornos: Isaura (mãe) é violentada em seu quarto - assim como a Isaura (avó) -, e tem início a traição do marido no quarto ao lado.

[...], você me deixava entre lençóis frios, para ir se deitar com a amante que talvez lhe fizesse as mesmas coisas que eu gostava, mas que nem sempre me foram permitidas. Porque, sendo a sua esposa, às vezes você achava que eu não devia passar de certos limites. Há, Antônio! Como eram doloridos aqueles momentos! Como te odiei ao ouvir os gemidos do teu gozo (LOPES, 1993, p. 16).

Observamos, também, o sofrimento da personagem com as relações extraconjugais de seu marido e o quanto eram frequentes:

Antônio, que passava a maior parte do dia em sua tenda, pedindo a ela que lesse a sua sorte ou jogasse os búzios, a trouxe para dentro de casa e disse, me obrigando a engolir a humilhação: querida, esta é a nossa nova empregada. E foi com ela que durante mais de seis meses, até que seus companheiros cruzados em armas, a buscaram, ele dormiu no quarto ao lado do nosso. Enquanto abraçada à minha filha, que só depois viria a saber destas histórias, e ser o meu único ponto de apoio, eu simplesmente chorava. (LOPES, 1993, p. 23).

Segundo Bourdieu (2002), o adultério masculino além de ser aceito, é também uma forma de justificar a conduta da esposa. A mulher é sempre a culpada pelo seu próprio sofrimento. Afinal, não é mais atraente o suficiente, justificando desta forma, as aventuras extraconjugais do marido.

Conclusão

Na construção ficcional “A dança dos cabelos”, Carlos Herculano Lopes apresenta um problema social persistente que é a violência contra a mulher.

As Isauras (Avó e mãe) sofrem múltiplas formas de violência: psicológica, moral, patrimonial e sexual.

Na divisão social do trabalho, a casa e toda a sua funcionalidade é função feminina. Também é dentro da casa que a violência patriarcal assume contornos bem definidos. O quarto, aparece no romance não como espaço de carinho, amor e paixão, mas de violência física, moral e psicológica.

Por fim, como a violência simbólica não é percebida pelas próprias mulheres, ela acontece nas relações matrimônios e práticas sociais de forma cotidiana, perpassando todas as classes sociais e se estabelece como institucionalizada, porque homens e mulheres em geral, acreditam que as esposas devam obediência aos maridos. Desta forma, o enfrentamento a esse sistema opressivo torna-se mais difícil.

Referências

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kuhner. 2. ed. Rio de Janeiro: Beertrand Brasil, 2002.

DAMATA, Roberto. Espaço, casa, rua e o outro mundo: o caso Brasil. In: **A casa & a rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991. P. 33-70.

LOPES, Carlos Herculano. **A dança dos cabelos**. Rio de Janeiro: Record, 1993.

RICHARTZ, Terezinha. As três Isauras: memórias da violência patriarcal em A Dança dos Cabelos, de Carlos Herculano Lopes. **Revista Recorte**, Três Corações, v. 16, n. 1, p. 1-14, jan./jun. 2019.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

_____. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. 151 p. (Coleção Brasil Urgente).